

O USO DA HASHTAG #ELENÃO COMO FORMA DE LEVANTE DIGITAL: ESTUDO DOS MEMES NAS REDES SOCIAIS DO VEÍCULO MÍDIA NINJA

NABEIRO, Ana Lucia Pinto da Silva¹; SCABIN, Nara Lya Cabral²

RESUMO:

Considerando três eixos de problematização teórica – os *levantes*, o *meme* e o *dialogismo discursivo* –, o presente trabalho tem como objetivo compreender e discutir o processo de compartilhamento de *memes* críticos à atuação de Jair Messias Bolsonaro no período entre as eleições de 2018 e maio de 2022. Como amostragem do estudo, elegemos *memes* indexados pela *hashtag* #EleNãO e publicados nas principais redes sociais (*Facebook* e *Twitter*) do portal *Mídia Ninja*, veículo que se posiciona como alternativo em relação ao jornalismo de referência. O estudo mostra o uso da *hashtag* #ElenãO em postagens que exploram o diálogo com diferentes campos discursivos, fazendo referência principalmente a enunciados cinematográficos e enunciados jornalísticos.

PALAVRAS-CHAVE: Mobilização coletiva; *Memes*; #EleNãO; Levantes; Dialogismo.

Introdução

A voz, um grito, um pedido de ajuda, uma indignação. Quem se levanta quando há um levante? (BUTLER, 2021). Nas redes sociais, diferentes formas de protesto ampliam e recolocam a indagação de Judith Butler a partir da discussão quanto às potencialidades (e limites) de concretização, na cultura digital, do que a autora caracteriza como *levantes democráticos*.

Nessa perspectiva, levantantes são mobilizações que emergem com o objetivo de dar a voz e o espaço necessário para que a sociedade seja crítica e possa reagir diante de injustiças, seja por meio de obras de arte, em processos midiáticos ou ocupando a praça pública. Isso porque, na perspectiva butleriana, os levantantes democráticos colocam em

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi, com bolsa CAPES, sob orientação da Profa. Dra. Nara Lya Cabral Scabin. Especialista em Assessoria de Comunicação e Mídias Sociais (2020) e jornalista formada pela mesma instituição (2013). Durante a graduação, realizou monitoria acadêmica. Faz parte do Grupo de Pesquisa RisoMídia – Representações, Mediações e Humor na Cultura Audiovisual (UAM/CNPq).

² Orientadora do trabalho. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM/SP. Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi. Desenvolve pesquisa com bolsa do Instituto Ânima. Líder do Grupo de Pesquisa RisoMídia – Representações, Mediações e Humor na Cultura Audiovisual (UAM/CNPq). E-mail: naralyacabral@yahoo.com.br.

cena demandas voltadas “para a liberdade, a justiça, a autodeterminação e a igualdade” (MENDES, 2017, p. 225).

Em especial, interessa-nos compreender o papel desempenhado por modos de expressão próprios da cultura digital no que diz respeito à articulação de protestos que possam se aproximar, em maior ou menor medida, do sentido butleriano de levante. Mais precisamente, procuramos, neste trabalho, refletir sobre o potencial de articulação de manifestações coletivas por meio de *memes*, que consideraremos aqui como *gênero discursivo* (BAKHTIN, 2016) próprio de plataformas digitais.

Propomos colocar a questão do *meme* como *gênero discursivo* (singular) a partir do conceito de *gêneros do discurso* (plurais) em Bakhtin (2016), dada a vocação fortemente metodológica e maleabilidade analítica deste último. Dessa forma, os gêneros discursivos devem ser entendidos como modelos enunciativos relativamente estabilizados, ligados à dimensão das práticas sociais. Em torno dos gêneros, articulam-se convenções determinadas pelas especificidades de cada campo de comunicação, as quais se manifestam em diferentes aspectos – conteúdo temático, estrutura composicional, estilo –, todos eles “indissolúvelmente ligados no conjunto do enunciado” (BAKHTIN, 2016, p. 12).

Dessa forma, *memes* serão aqui entendidos como conteúdos digitais (como imagens e vídeos virais) que compartilham sentidos em comum (SHIFMAN, 2014) e são passados adiante no âmbito de comunidades *online* (SARMENTO; CHAGAS, 2020). Nesse tipo de conteúdo, “o sentido das publicações é dado pelo conjunto”, pois é o volume de interações que compõe “todo o roteiro a partir de cenas discursivas independentes, como esquetes” (SARMENTO; CHAGAS, 2020, p. 130).

Dessa forma, o *meme* atua como articulador de redes interdiscursivas, mobilizando sentidos oriundos de diferentes campos discursivos³. Dentre as modalidades do que pensadores do Círculo de Bakhtin definem como *dialogismo* (BARROS, 2003), interessam-nos especialmente as formas pelas quais *memes* medeiam relações entre a realidade social imediata, de um lado; e discursos e representações extraídos da própria cultura midiática (e, em especial, do universo audiovisual, por meio de referências a filmes e séries), por outro.

³ Consideramos aqui a noção de *campo discursivo* tal como formulada por Maingueneau (2008; 2010) com base na teoria bourdiana dos campos sociais. Nesse sentido, entendemos campos discursivos como subconjuntos de formações discursivas inscritos no espaço mais amplo de um universo discursivo.

Não à toa, são recorrentes nos *memes* recursos típicos do discurso humorístico como a ironia, a sátira e/ou a paródia (FÁVERO, 2003). Para refletir sobre as potencialidades político-críticas decorrentes da presença de tais elementos discursivos, dialogamos com as teorias do humor, sobretudo aquelas que definem o riso em termos da dessacralização e rebaixamento de figuras de autoridade (EAGLETON, 2020).

Em alguns casos, a utilização coletiva de *memes* revela “uma retórica investida de reciprocidade e solidariedade que se preocupa em demonstrar engajamento a partir da afirmação de narrativas que inspiram reconhecimento” (SARMENTO; CHAGAS, 2020, p. 144). É o que ocorre, especialmente, em casos de mobilizações em torno de temáticas político-sociais articuladas por meio de *memes* e *hashtags* em redes sociais digitais, a exemplo dos movimentos *#metoo*, *#belarecatadaedolar* e, mais recentemente, das manifestações de oposição à candidatura de Jair Bolsonaro às eleições presidenciais brasileiras de 2018 que utilizaram a *hashtag* “EleNão”.

Considerando os três eixos de problematização teórica apresentados – os *levantes*, o *meme* e o *dialogismo discursivo* –, o presente trabalho tem como objetivo compreender e discutir o processo de compartilhamento de *memes* críticos à atuação de Jair Messias Bolsonaro no período entre as eleições de 2018 e maio de 2022. Como amostragem do estudo, elegemos *memes* publicados nas principais redes sociais (*Facebook* e *Twitter*) do portal *Mídia Ninja*, escolhido por ser um veículo que nasce no ambiente digital, buscando posicionar-se como alternativo em relação ao jornalismo de referência⁴ e assumindo um discurso abertamente crítico em relação ao governo Bolsonaro. Para a recuperação de *memes*, nossas buscas pautaram-se pela *hashtag* *#EleNão*.

Tendo em vista a impossibilidade de contemplar, neste trabalho, a análise da totalidade das publicações localizadas segundo os critérios de busca propostos, optamos pela construção de um *corpus* não exaustivo, constituído por *memes* capazes de contribuir para a elucidação das articulações entre os três eixos teóricos que fundamentam o trabalho. Nesse sentido, este trabalho constitui etapa exploratória de uma pesquisa mais ampla conduzida em nível de Mestrado.

⁴ Por “jornalismo de referência”, entendemos uma esfera do campo jornalístico que materializa aspectos como tradição, prestígio e credibilidade. O jornalismo de referência também pode ser caracterizado por possuir expressivos índices de tiragem e circulação, pela ênfase conferida a temas de política, economia e assuntos internacionais e pelo fato de se dirigir, enquanto público ideal, a um leitor competente do mundo social (as elites econômica e cultural) (ZAMIN, 2014).

Trata-se, nesse sentido, de proposta relevante ao campo da Comunicação – e, em especial, para o aprofundamento da compreensão sobre as intersecções existentes entre práticas comunicacionais e processos políticos na contemporaneidade. A relevância do objeto em foco fica evidente também se considerarmos que, ainda que os protestos desfavoráveis à candidatura de Jair Bolsonaro tenham alcançado maior visibilidade no pleito eleitoral de 2018, as movimentações e/ou manifestações digitais marcadas sob a rubrica *#EleNão* ainda ecoam quase quatro anos depois, com a utilização da hashtag em postagens que buscam apontar os erros e problemas do governo. Como nos lembra Butler (2021), os levantes apresentam-se como transbordamentos da vontade popular, recorrendo a demandas e promessas não cumpridas a partir de episódios precedentes.

Ainda, nos termos de Bentes (2015), é possível pensar mobilizações articuladas em redes sociais por meio de *memes* e *hashtags*, a exemplo do caso *#EleNão*, como parte de uma “mídia-multidão”:

As emissões ao vivo, a viralização de memes, fotografias, posts, textos, cartazes, produzidos pelos próprios manifestantes, funcionaram como operações de embate, disputa narrativa, processos de subjetivação, confrontos e fugas que inscrevem o corpo e deixam os rastros de centenas de cinegrafistas ativistas, fotógrafos “amadores” nas imagens, constituindo um filme-fluxo ou uma mídia-multidão em processo (BENTES, 2015, p.19).

Com base na observação do objeto empírico em foco, evidencia-se que a hashtag *#EleNão* tem sido mobilizada para indexar postagens que exploram o diálogo com diferentes campos discursivos, fazendo referência tanto a enunciados cinematográficos (em *posts* que “conversam” com trechos de filmes) quanto a enunciados jornalísticos (repercutindo fatos e temas visibilizados na cobertura de veículos de imprensa, em conformidade com critérios de noticiabilidade).

Memes, hashtags e mobilização política

Em anos recentes, temos visto diversos casos de mobilizações que, em defesa da democracia, de direitos de minorias e/ou contra investidas autoritárias, têm ganhado visibilidade em redes sociais digitais nos últimos anos. Do movimento *#MeToo* ao caso *#belarecatadaedolar*, passando pelas mobilizações contrárias à candidatura de Bolsonaro que ficaram conhecidas como *#EleNão*, tais movimentações remetem à potencialidade das redes sociais como instância de *mediação crítica* (SCABIN; GUILHERME, 2016) de discursos conservadores.

Nesse contexto, destacam-se especialmente, por sua projeção e repercussão, mobilizações articuladas em torno de pautas e demandas de grupos identitários, sobretudo as que se voltam a questões de gênero e às expressões dos feminismos. Alguns desses casos alcançaram repercussão mundial, a exemplo dos protestos contra assédio e violência sexual a partir do movimento #MeToo, que viralizou em outubro de 2017 após denúncias de atrizes e celebridades internacionais virem à tona no Twitter.

Também é possível observar esse tipo de mobilização das redes sociais digitais a partir de episódios em que as próprias mídias se convertem em objeto de crítica. Foi este o caso das postagens articuladas em torno da *hashtag* “belarecatadaedolar”, em 2016, que criticavam a representação feminina presente em um perfil de Marcela Temer, esposa do então vice-presidente Michel Temer, publicado pela revista *Veja* em 18 de abril daquele ano. Outro exemplo é a campanha #AgoraÉQueSãoElas, de 2015, que buscou fazer com que homens colunistas cedessem seus espaços em meios de comunicação a mulheres.

Ambos os casos, ao mesmo tempo em que representam fatos discursivos sintonizados com debates identitários, parecem evidenciar mais explicitamente a emergência de novos modos de enunciar – “regras” que condicionam a produção de enunciados e que, nesses exemplos específicos, são explicitadas em demandas que adquiriram visibilidade no debate público. Além disso, são episódios exemplares de discursos que se voltam ao plano da representação como eixo articulador de discursos que se pretendem politicamente engajados e que o fazem por meio da problematização das próprias mídias – seja por meio de críticas a enunciado midiáticos, como no caso #belarecatadaedolar, seja com críticas à enunciação, como na campanha #AgoraÉQueSãoElas.

Mais recentemente, durante o contexto de pandemia de Covid-19 no Brasil, vimos um episódio de tentativa de censura dar ensejo a um caso de expressiva mobilização entre usuários de redes sociais digitais. Referimo-nos ao episódio em que o cartunista Renato Aroeira se tornou investigado por um inquérito aberto com base na Lei de Segurança Nacional devido a uma charge publicada no site *Brasil 247*, em 14 de junho de 2020⁵. Em resposta, diversos artistas engajaram-se em um ato virtual que ficou

⁵ Fazendo referência a declarações do presente Jair Bolsonaro, que incitou seus seguidores a invadirem hospitais para “investigar” possíveis irregularidades na gestão da pandemia, a charge mostra uma cruz vermelha (símbolo de unidades de saúde), com as pontas pretas em formato que remete à suástica nazista, sendo pintada por Bolsonaro; ao lado, lê-se, como que em uma pichação sobre um muro, a inscrição

conhecido como movimento “Charge continuada” – uma alusão ao título da charge de Aroeira, *Crime continuado*. A ideia teria surgido ainda no dia 15 de junho, a partir de uma ideia apresentada pelo chargista Duke em grupos de WhatsApp de cartunistas: recriar e multiplicar a charge de Aroeira, substituindo o título “Crime continuado” por “Charge continuada” (GOMES, 2020). As novas versões da arte rapidamente começaram a surgir em redes sociais, com diversos artistas publicando suas próprias versões da imagem original, que foram indexadas pela hashtag #SomosTodosAroeira.

Foco principal de atenção neste trabalho, as mobilizações em redes sociais digitais articuladas pela *hashtag* #EleNão ganharam os holofotes de todo o mundo em 2018, ao organizarem os principais atos – virtuais e presenciais – de oposição à candidatura de Jair Bolsonaro à presidência do Brasil. Embora as movimentações não dissessem respeito especificamente a pautas ou demandas de gênero, é possível verificar nela um forte atravessamento por reivindicações de mulheres e discursos feministas; além disso, a manifestação #EleNão que aconteceu em diversas cidades brasileiras em 29 de setembro de 2018 é considerada a maior manifestação de mulheres na história do Brasil (ROSSI; CARNEIRO; GRAGNANI, 2018).

Antes de ganhar as ruas, a *hashtag* #EleNão surgiu em redes sociais – mais especificamente, o movimento parece ter ganhado corpo em um grupo de Facebook intitulado Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (ROSSI; CARNEIRO; GRAGNANI, 2018); do grupo, o movimento espalhou-se pelas redes, com a *hashtag* sendo usada por mulheres anônimas e famosas, de diferentes nacionalidades, como forma de demarcar sua oposição à candidatura de Bolsonaro. Não demorou muito para homens também aderirem à mobilização.

Considerando seu histórico e contexto, o movimento #EleNão pode ser considerado como parte de um processo mais amplo de redefinição do papel da mulher no debate político a partir de ações articuladas em redes sociais digitais:

O que temos acompanhado recentemente, no Brasil e em outros países do mundo, nas plataformas digitais de mídias sociais, deixa claro que coletivos virtuais e movimentos sociais têm procurado reforçar o lugar da mulher no debate político. Trata-se não apenas de um questionamento sobre a competência desse papel feminino, mas também de uma redefinição desse mesmo ativismo (SARMENTO; CHAGAS, 2020, p. 130).

“bora invadir outro?” – alusão à incitação feita pelo presidente para que seus apoiadores invadissem hospitais.

Segundo Sarmiento e Chagas (2020), coletivos atuantes em plataformas de redes sociais têm contribuído para a emergência de novas compreensões sobre os efeitos dos protestos políticos na sociedade contemporânea. Atuando no limite entre o lúdico e o disruptivo, esses movimentos recorrem à “brincadeira política” como forma de mobilização, sendo as *hashtags* uma das formas mais comuns de identificar tais campanhas coletivas.

No caso deste trabalho, propomos compreender uma circulação *secundária* da *hashtag* #EleNã: isso porque, em lugar de acompanhar os grupos de mulheres nos quais ela surgiu e a partir dos quais se tornou presente no ciberespaço, procuramos mapear algumas de suas ocorrências nas redes sociais de um veículo que se posiciona como parte da imprensa independente/alternativa, demarcando uma posição de clara oposição ao governo Bolsonaro. Dessa forma, esperamos identificar algumas das *mediações* – isto é, processos múltiplos de transformação e negociação de sentidos (SILVERSTONE, 2002) – articulados nas redes sociais do veículo em questão a partir da *hashtag* em foco.

Relações dialógicas nas redes sociais da *Mídia Ninja*

Veículos de comunicação de diferentes vertentes editoriais – do jornalismo de referência à imprensa alternativa – buscam utilizar as redes sociais digitais para conquistar o reconhecimento e engajamento do seu público apoiador. Nesse sentido, é fundamental considerar o processo de convergência entre técnicas de apuração do jornalismo tradicional e práticas típicas do ciberativismo como elemento fundamental do ecossistema midiático contemporâneo. É sobre este novo circuito midiático que se debruça o presente trabalho.

As informações trazidas pelas redes (cruzadas com as informações colhidas nas ruas) funcionam, nas transmissões on-line da *Mídia NINJA* (no ao vivo do streaming), como um GPS humano, um novo circuito rede-rua. O chat da transmissão (onde todos comentam livremente) vira um lugar de atualização, contrafação, disputa, colaboração, uma real ruidocracia intensa e instigante (BENTES, 2015, p.15).

Para compreender esse contexto, destacam-se as consideramos de pensadores do chamado *Círculo de Bakhtin*⁶ em torno da ideia de “dialogismo discursivo”.

⁶ A nomenclatura “Círculo de Bakhtin” corresponde à forma como tem sido chamada a perspectiva teórica compartilhada pelos pensadores russos Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pável N.

Salientamos, em especial, a partir de Volóchinov (2017) e Bakhtin (2016), a ênfase conferida à interação social como fundamental ao funcionamento discursivo e a noção de constituição dialógica do discurso, relacionada ao princípio de responsividade do enunciado frente a outros enunciados. Tendo em vista a natureza social do enunciado, este deve ser considerado em função da “situação social mais próxima”, já que “a palavra é orientada para o interlocutor”, como aponta Volóchinov (2017, p. 204). Disso decorre que a palavra se constitui como “ato bilateral”, sendo determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele a quem se dirige. Ou seja: o discurso apresenta-se invariavelmente como resultado das inter-relações sociais entre falantes e ouvintes, enunciadores e coenunciadores, produtores e receptores.

Já em comentadores da obra de Bakhtin, encontramos o dialogismo posicionado como conceito transversal ao pensamento do autor, como mostram especialmente a leitura e obras organizadas por Beth Brait⁷. A esse respeito, Sheila Vieira de Camargo Grillo, com base nos escritos das décadas de 1920 e 1930 de Bakhtin e Volóchinov, aponta que o dialogismo é formado tanto pelo caráter sociointerativo do discurso quanto por sua constituição polifônica. De modo correlato, Diana Luz Pessoa de Barros (2003, p. 2) destaca dois aspectos em que o conceito de dialogismo se desdobra: o da interação entre enunciador e enunciatário e o da intertextualidade no interior do próprio discurso. A perspectiva de dialogismo interacional, como assinala a autora, está ligada ao deslocamento do conceito de sujeito, que perde centralidade e passa a ser visto como atravessado por vozes sociais – perspectiva compartilhada por analistas do discurso de linha francesa.

Não obstante, a dimensão mais explorada do dialogismo na obra de Bakhtin é a que diz respeito ao “diálogo entre os muitos textos da cultura, que se instala no interior de cada texto e o define”, de modo que a intertextualidade se converte em “condição primeira de que o texto deriva” (BARROS, 2003, p. 4). Ainda segundo a autora, essa abordagem do dialogismo aparece em trabalhos de diferentes concepções teóricas, a exemplo do estudo de Maingueneau (2008) sobre a interação entre formações

Medviédev; adotamos aqui essa nomenclatura dado seu vasto uso entre trabalhos de Ciências da Linguagem, embora a existência formal do Círculo e a liderança daquele de que deriva seu nome, como aponta Sheila Grillo (2012), já tenham sido vastamente questionadas. Em todo caso, o uso da denominação “Círculo de Bakhtin” se justifica como forma de referência à reconhecida convergência entre os trabalhos dos três autores e, também, como forma de lidar com a controvérsia em torno da autoria das principais obras desses pensadores.

⁷ Destacam-se, por exemplo, BRAIT, 2009; BRAIT; MAGALHÃES, 2014; e BRAIT, 2016.

discursivas polêmicas. É a essa perspectiva de dialogismo que recorremos, fundamentalmente, neste trabalho.

Como exemplo desse tipo de manifestação dialógica, podemos citar imagens republicadas, nos perfis da *Mídia Ninja*, da página do *Twitter* “Um Filme me disse”. Tais postagens citam, em sua maioria, obras dramáticas, como forma de construção de questionamentos por meio da melancolia, em um diálogo intertextual que aproxima a realidade ficcional do universo ficcional (NOGUEIRA, 2010). Assim, observamos a construção, nas redes sociais do veículo *Mídia Ninja*, de uma narrativa carregada de crítica e com um posicionamento de clara oposição à candidatura de Bolsonaro. Como ilustração, temos o caso de uma publicação de setembro de 2019, que faz referência à série *Years and Years*, dirigida por Russell T. Davies, uma produção que aborda instáveis avanços políticos na Grã-Bretanha (Figura 1).

A partir dessa referência, a imagem propõe um diálogo entre a série e a situação política brasileira – embora não haja citação direta ao nome de Jair Bolsonaro, é possível inferir que o meme refira-se ao contexto de seu governo. O comentário que antecede a imagem, reforçando a indignação frente ao cenário político brasileiro, é “Caos total” – frase que integra os dizeres de um dos personagens da série destacados na própria imagem: “Sabe como é? Essa gestão? / Um caos total! Eles não esperavam ganhar. São uns idiotas! / Não existe plano, nada. Só pânico”.

As falas transcritas expandem o diálogo estabelecido com a teia discursiva de sentidos que se depositam em torno do governo Bolsonaro no espaço público jornalisticamente mediado, especialmente pela constatação quanto à ausência de plano de governo do atual presidente e pela ideia de que Bolsonaro – um candidato nanico com uma carreira política medíocre – não “esperava ganhar”. Além disso, o uso da *hashtag* #*EleNão* estabelece um nó importante na rede dialógica proposta pela postagem, ao fazer referência aos protestos contra Bolsonaro que ganharam força nas redes sociais e nas ruas de diferentes cidades brasileiras no contexto das eleições brasileiras de 2018.

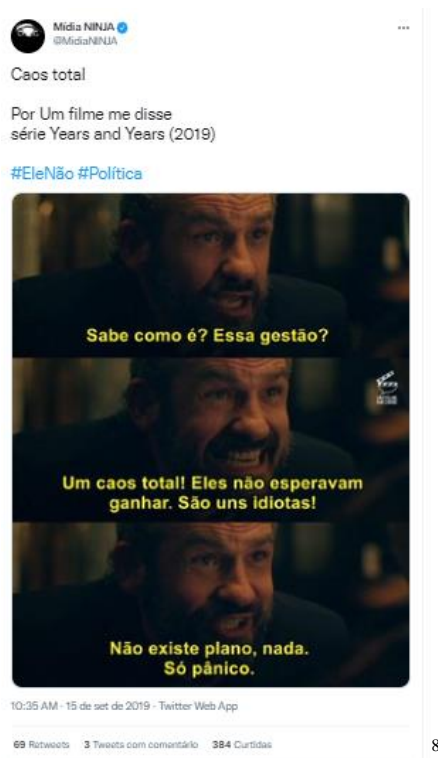


Figura 1 – Postagem no perfil da *Mídia Ninja*. Fonte: Reprodução/Twitter (2022).

Observa-se ainda que a publicação, realizada nove meses após a posse do atual presidente, despertou indignação entre apoiadores de Bolsonaro. Em resposta à imagem, um internauta afirma: “Ganhamos a eleição. Ponto Final. O choro é livre ! kkkkkkk”. O comentário indica que o internauta em questão, apoiador de Bolsonaro, reconheceu o objeto de crítica da postagem, expressando-se a partir da mobilização de um sentido de rivalidade política bastante marcado. Ainda, do ponto de vista dialógico, a manifestação do internauta aponta para o funcionamento do princípio de responsividade discursiva: isso porque a postagem, ao utilizar a terceira pessoa do singular (“eles”) como alvo das críticas traçadas, refere-se a duas posições, que se colocam em relação de antagonismo (“nós” e “eles”); o internauta do comentário destacado, por sua vez, apreende quais as duas posições sugeridas, reconhece-se em uma delas (a posição *deles*, isto é, dos apoiadores de Bolsonaro), e enuncia a partir desse lugar.

Em outra publicação, esta datada de abril de 2019, um *meme* – também republicado da página “Um Filme Me Disse” no *Twitter* do veículo *Mídia Ninja* – representa um trecho da série de ficção catalã *Merlí*, cujo protagonista é um professor de filosofia que usa métodos pouco convencionais para incentivar seus alunos a pensarem livremente. A imagem incorpora uma declaração atribuída ao personagem: “A

⁸ Disponível em: <https://twitter.com/midianinja/status/1173228975629488128>. Acesso em: 26 Jul. 2022.

filosofia serve para refletir sobre a vida, sobre o ser humano. E para que se questionem as coisas” (Figura 2).

No texto que acompanha a publicação, encontramos referências às ofensivas da extrema direita brasileira contra o pensamento progressista nas escolas, expressa no linchamento virtual de pensadores como Paulo Freire: “Acabar com o pensamento crítico, com ensinamento de pensadores que revolucionaram as formas de viver e entender as sociedades, para que melhorem. Mas quem quer melhorar o país? #EleNão #ForaBolsonaro #Educação”. Cabe ressaltar que, não à toa, a postagem foi feita em um momento marcado por cortes expressivos nos investimentos em educação no país: segundo reportagem da revista *Veja* de março de 2019, o Ministério da Educação teve a maior redução entre todas as pastas, com corte de R\$ 5,8 bilhões em seu orçamento (ROMANI, 2019).

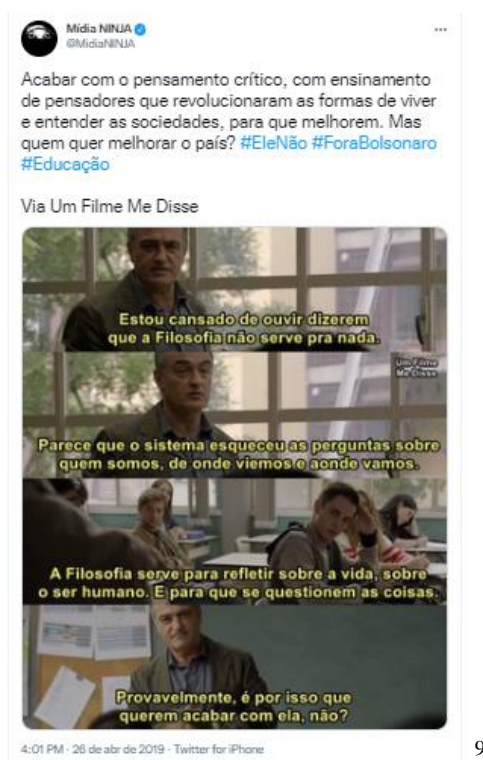


Figura 2 – Postagem no perfil da *Mídia Ninja*. Fonte: Reprodução/Twitter (2022).

Ainda que não seja objetivo deste trabalho realizar uma análise sistemática de comentários que respondem aos *memes*, chama a atenção o caráter agressivo que reveste grande parte das manifestações em defesa do bolsonarismo nas redes sociais do veículo

⁹ Disponível em: <https://twitter.com/midianinja/status/1121851697419235328>

Mídia Ninja. Em relação ao último exemplo citado, por exemplo, um usuário escreveu: “curso de filosofia e sociologia só serve pra formar esquerdistas maconheiros, vagabundos parasitas... chega de financiar essa fábrica de mortadela”. Vemos claramente, neste caso, uma fala de incitação ao ódio, manifestação recorrente por parte de enunciadores bolsonaristas (SCABIN; PAGANOTTI, 2022). Outra internauta, seguidora da página, publicou uma outra tirinha, justificando as reflexões que o filme propõe por meio das aulas do professor de filosofia da série da Netflix, como vemos na Figura 3.



10

Figura 3 – Postagem no perfil da *Mídia Ninja*. Fonte: Reprodução/Twitter (2022).

O trecho da série que a internauta escolheu destacar em sua postagem também é sintomático das relações dialógicas estabelecidas nas redes do veículo *Mídia Ninja* a partir da hashtag *#EleNão*. Isso porque, embora, no trecho destacado, Merli esteja fazendo uma crítica a políticos de modo geral – independentemente de sua orientação ideológico-partidária –, o *meme* passa a integrar, na postagem que responde à publicação original da *Mídia Ninja*, uma cadeia de textos críticos à gestão de Bolsonaro. Nesse sentido, é a Bolsonaro e seus apoiadores que o *meme* – por meio de expressões

¹⁰ Disponível em: <https://twitter.com/midianinja/status/1121851697419235328>. Acesso em: 26 Jul. 2022.

como “pessoas incultas e sociopatas” e “idiotas engravatados e burocratas” – parecem fazer referência.

Assim, é interessante observar que, embora estejamos falando de manifestações estabelecidas nas redes sociais de um veículo de comunicação que se posiciona no campo jornalístico, tais interações não seguem a lógica que marca a relação *tradicional* entre jornais e audiências; em lugar disso, temos um veículo jornalístico que toma lugar e participa de uma lógica emergente de interação “pós-massiva”.

Essa proliferação e disseminação pós-mídias de massa já está acontecendo e criando uma nova ecologia “midialivrista”, uma quantidade enorme de coletivos, redes, grupos e também “perfis”. Pessoas que individualmente começam a se ver e assumir como produtores relevantes de conteúdos. Essa percepção de que a mídia somos nós, esse conjunto de singularidades que podemos acessar, com quem podemos interagir e trocar realmente, é uma mutação antropológica. E, mais do que isso, não é o jornalismo que se tornou o modelo das trocas nas redes (BENTES, 2015, p. 12).

Na sequência das postagens nas redes do veículo *Mídia Ninja*, destacamos aqui outro exemplo, este datado de dezembro de 2018, que também foi indexado pelo uso da *hashtag* #EleNão (Figura 4). Embora esta publicação seja cronologicamente anterior ao último exemplo citado, optamos por destacá-la separadamente aqui a fim de destacar as singularidades nas formas pelas encontramos nela a utilização de elementos típicos de uma linguagem de humor e deboche.

Publicada no Facebook do portal *Mídia Ninja*, a imagem sustenta sua crítica em uma referência ao time de futebol para o qual o presidente Jair Bolsonaro torce, o Palmeiras. A crítica proposta pelo *meme* retoma sentidos circulantes no espaço público a respeito dos diferentes “estados de espírito” demonstrados pelo presidente, já que, desde o período de campanha eleitoral, Bolsonaro demonstra vigor em suas falas quando se trata de assunto de seu interesse particular; já quando o assunto é delicado, polêmico ou diz respeito denúncias sobre seu governo, o presidente demonstra má vontade em falar – como sugere a fotografia que capta um momento de adoecimento.

Dessa forma, embora seja possível observar também um movimento dessacralização de uma figura de autoridade, o principal recurso humorístico do *meme* parece valer-se do que Eagleton (2020) denomina como *incongruência*. Neste caso, porém, vale observar que a incongruência parece operar não a partir da construção de contrastes e relações paradoxais entre elementos *internos* à própria combinação entre imagem e texto, mas sim, a partir da relação entre o *meme* e sentidos a ele *externos*, em

que se destaca a lógica de deslocamento das imagens utilizadas de seu contexto referencial de origem. Nesse sentido, a apreensão dos sentidos presentes no *meme* e a compreensão de sua proposta humorística dependem fundamentalmente da capacidade do receptor de decifrar a rede dialógica a partir da qual o *meme* se constrói.

Ao mesmo tempo, cabe observar que, no caso do *meme* ilustrado na Figura 4, a *hashtag* #EleNão foi utilizada principalmente pelos seguidores da página, não fazendo parte do conteúdo editorial do veículo. Nesse sentido, é possível compreender os veículos de oposição a Bolsonaro como apenas um ponto na articulação de críticas ao governo, uma vez que os próprios usuários das redes sociais digitais interagem com as publicações, amplificando os sentidos de contestação, neste caso, por meio do uso da *hashtag*.

Além disso, não deixa de ser interessante observar, a partir da figura abaixo, que, mesmo entre seguidores das redes sociais da *Mídia Ninja* que se mostram descontentes em relação ao governo Bolsonaro, é possível observar o direcionamento de críticas à utilização de *memes* como veículo de expressão desse descontentamento. No segundo comentário à postagem, é possível observar a mobilização de um sentido de oposição entre a “seriedade” do momento político e a “graça” presente no recurso ao *meme*.

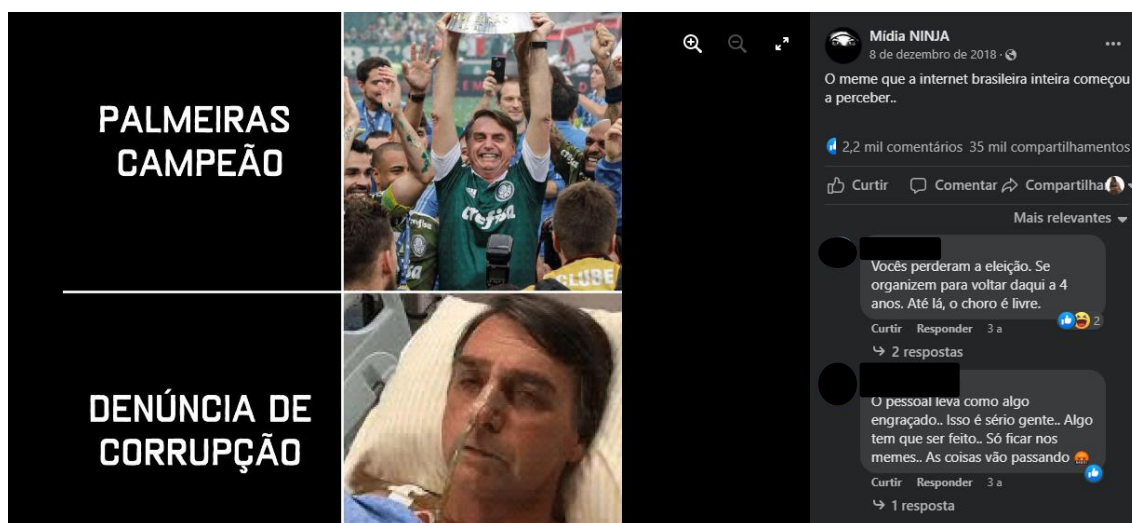


Figura 4 – Postagem no perfil da *Mídia Ninja*. Fonte: Reprodução/Facebook (2022)¹¹.

Com mais de 2 mil comentários e aproximadamente 35 mil compartilhamentos, a repercussão da postagem não inclui apenas as denúncias de corrupção do governo

11

Bolsonaro; há também comentários favoráveis e contra o governo do ex-presidente Lula, bem como falas sobre o estádio do Corinthians, por exemplo.

Quando percorremos as publicações mais recentes indexadas nas redes sociais da *Mídia Ninja* pela *hashtag* #EleNão, encontramos, em sua maioria, posts que destacam links de notícias e reportagens apontando os descabimentos do governo Bolsonaro. O uso da *hashtag* se apresenta ora em comentários de seguidores do veículo que interagem com as postagens, ora no conteúdo desenvolvido pelo próprio veículo. Em todo caso, a frequência com que *memes* são publicados a partir da *hashtag* #EleNão parece diminuir nos últimos anos, especialmente a partir de 2020.

Entre as postagens que não se baseiam em links para matérias jornalísticas (do próprio portal *Mídia Ninja*, em sua maioria), encontramos, entre os conteúdos mais recentes indexados pela *hashtag* #EleNão no perfil do veículo no Facebook, *prints* de publicações em redes sociais e charges/cartuns (em geral, compartilhados a partir de postagens feitas em outros perfis). Em ambos os casos, é recorrente o uso de recursos humorísticos como forma de potencialização das críticas feitas ao atual governo. Além disso, destacam-se publicações que utilizam a *hashtag* #EleNão no contexto de críticas à gestão do governo Bolsonaro no contexto da pandemia de Covid-19.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, apresentamos reflexões em caráter exploratório, que integram projeto de pesquisa mais amplo, atualmente em curso. Nesse sentido, embora as constatações aqui apresentadas sejam parciais e necessitem de aprofundamento futuro, algumas considerações finais podem ser apresentadas.

Assim, com base nos exemplos destacados, em caráter exploratório, ao longo deste trabalho, é possível evidenciar um jogo dialógico estabelecido como ferramenta, ao mesmo tempo lúdica e crítica, de contestação e mobilização. Esse tipo de articulação lança luz sobre o uso do *meme* como forma de manifestação coletiva que encontra espaço nas redes sociais digitais.

Ao mesmo tempo, não obstante as publicações localizadas tenham sido publicizadas em redes sociais do portal *Mídia Ninja*, com um alcance mensurável, é possível levantar questionamentos sobre esse alcance; nesse sentido, há grande possibilidade de que os *memes* que integram as postagens indexadas pela *hashtag* #EleNão circulem também em ambientes privados, como grupos de Instagram e grupos

privados de Whatsapp e Telegram. Trata-se de um tipo de circulação a ser considerada em estudos futuros.

Ao mesmo tempo, a reflexão que aqui procuramos desenvolver a respeito das relações dialógicas articuladas em torno de *memes* requer que se considere o conceito de *banco universal*, proposto por Ivana Bentes. A autora observa que a produção de imagens depende em sua quase totalidade da produção da história da arte, do cinema e da telenovela. Nos *memes*, essas relações são explicitadas, tornando-se ponto de partida para a produção de sentidos críticos e estratégias de humor.

Finalmente, em relação ao movimento *#EleNão*, cabe observar que ele extrapolou os *feeds* das redes sociais e aconteceu, em forma de manifestações presenciais, nas ruas de mais de 400 cidades brasileiras. Vemos, assim, que as movimentações coletivas por *hashtags* e *memes* dão ensejo, em alguns casos, a encontros físicos, que assumem os contornos de uma nova forma visual, base para a criação de novas potencialidades de mobilização.

Retomando as indagações de Butler (2017) sobre por que se levantam aqueles que se levantam em um levante, destaca-se, em relação à mobilização digital em torno da hashtag *#EleNão*, a indignação diante de questões como a violação de direitos humanos, a vulnerabilidade das minorias e o discurso de ódio sob o governo Bolsonaro. Um levante que se apresenta como expressão daqueles cuja existência a política bolsonarista quer extinguir.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARROS, D. L. P. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p. 1-9.

BENTES, Ivana. **Mídia-Multidão**, 2015.

BENTES, Ivana. **Imagem-meme**. XI Encontro Anual da AIM
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7CHBP_naerw, acessado em 27 de maio de 2022.

BRAIT, B. **Bakhtin**: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2009.

BRAIT, B. Dialogismo e polifonia em Mikhail Bakhtin e o Círculo (Dez obras fundamentais). In: FARIA, J. R. G. (Org.). **Guia Bibliográfico da FFLCH**. São Paulo: FFLCH-USP, 2016, v. 1, p. 1-22.

BRAIT, B.; MAGALHÃES, A. S. (Orgs.). **Dialogismo**: teoria e(m) prática. São Paulo: Terracota, 2014.

BUTLER, Judith – **Levante** – Catálogo Levantes, SESC, 2017

EAGLETON, Terry. **Humor**: o papel fundamental do riso na cultura. Rio de Janeiro: Record, 2020.

FÁVERO, Leonor Lopes. “Paródia e dialogismo”. In: BARROS, Diana Luz Pessoa; FIORIN, J. L. (Orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p. 1-9.

GOMES, Amélia. Aroeira sobre censura: “Oprimidos têm superioridade moral em relação a fascistas”. **Brasil de Fato**, 25 jun. 2020.

GRILLO, S. V. C. Prefácio. “A obra em contexto: tradução, história e autoria”. In: MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2012, p. 19-38.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2008.

_____. **Doze conceitos em análise do discurso**. Trad. Adail Sobral et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NOGUEIRA, L. **Gêneros Cinematográficos**. Covilhã: Livros LabCom, 2010.

ROMANI, André. Educação é a pasta mais atingida em corte de R\$ 29,6 bi do Orçamento. **Veja**, São Paulo, 29 mar. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/educacao-e-a-pasta-mais-atingida-em-corte-de-r-296-bi-do-orcamento/>. Acesso em: 26 Jul. 2022.

ROSSI, Amanda; CARNEIRO, Julia Dias; GRAGNANI, Juliana. #EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos. **BBC Brasil**, 30 set. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>. Acesso em: 26 Jul. 2022.

SARMENTO, Rayza; CHAGAS, Viktor. Bela, recatada e do bar: memes de internet, política e gênero. **Rumores**, v. 14, n. 27, p. 124-149, jan./jun. 2020.

SCABIN, Nara Lya C.; GUILHERME, Sofia F. “Diálogo e engajamento no caso #belarecatadaedolar”. In: SERELLE, Marcio; SOARES, Rosana (Orgs.). **Mediações críticas**: representações na cultura midiática. São Paulo: ECA/USP, 2017. p. 55-67.

SCABIN, Nara Lya Cabral; PAGANOTTI, Ivan. Humor ofensivo em estratégias defensivas: comicidade incômoda na retórica política bolsonarista. In: **31º Encontro Anual da Compós**, UFMA, Imperatriz, 6 a 10 de junho 2022.

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. Cambridge: MIT Press, 2014.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

ZAMIN, A. “Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão”. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 918-942, set./dez.2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4955/495551017008.pdf>. Acesso em: 26 Jul. 2022.